

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH



(HA-LAPID)
O F A C H O

*...alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor HaYm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA MENDONÇA
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º
PORTO

A mulher, na tradição judaica

Um dos maiores erros divulgados, até entre os judeus, é de que a nossa religião não soube elevar a mulher do nível secundário em que se achava no meio da antiguidade pagã. É também erro julgar que foi preciso sobrevir o cristianismo para que a mulher fosse colocada num plano mais elevado no conceito social.

Abramos a Bíblia. Que lemos num dos primeiros capítulos deste venerável livro?

«Por tanto deixa o homem a seu pai e a sua mãe e se une a sua mulher; e são uma só carne.»

Genesis II, 24

Aonde se acha pois essa desigualdade de condições de que fazem alarde os detratores do judaísmo?

Vemos também mais adiante; o Senhor diz a Abraham quando este hesita em despedir a Agar e Ismael:

«Em tudo o que Sarah te diz, ouve a sua voz»

Genesis XXI, 12.

Enfim, a nossa história antiga está cheia de mulheres de grande valor, como Deborah, Esther, Ana, etc.

Mais recentemente vemos no Talmud os seguintes aforismos sobre a mulher:

«A—Se a tua mulher é pequena, abaixa-te para lhe falar.

«B—Deus deu à mulher mais inteligência que ao homem.

«C—Honra tua mulher acima de tudo, porque é por causa dela que a bênção entra no teu lar.

«D—Quando a mulher chora durante a noite, as estrelas do céu choram com ela.»

A mulher judia tem a missão de estender a sua solicitude entre a grande família dos infelizes, sejam eles de qualquer culto; de ajudar o marido a seguir o caminho da justiça, de educar os seus filhos dentro dos sentimentos da honra, e de procurar com leveza minorar as dores que só Deus saberá curar.

O Candeeiro de Hanukáh

CONTOS EM PAPEL

Conta-nos a História que Antíoco Epifânio, rei da Síria, oprimia cruelmente os Judeus, obrigando-os a adorar ídolos.

Muitos morreram, em defesa da ídela monoteísta, até que Matatias e os seus cinco filhos, cognominados os Macabeus (166 a. C), organizaram a revolta e lutaram corajosamente contra os sírios.

Judas Macabeu, o héroi mais notável desta família, venceu os invasores e entrando em Jerusalém restaurou e purificou o Templo, onde voltou a arder o candeeiro sagrado.

Desde então, o povo Hebreu ficou a comemorar festivamente a Restauração (Hanukáh) da sua pátria e, embora mais tarde disperso pelo Mundo, continuou sempre a celebrar essa data, acendendo em todos os lares o simbólico candeeiro.

É sobre essa tradição hebraica o conto que ides ler.

Rodeada de sacos, de malas, de cestos e embrulhos de todos os tamanhos e feitios, Raquel procurava desesperadamente qualquer coisa que não aparecia.

De súbito, ergueu-se e, olhando desolada para o resto das coisas amontoadas a um canto da casa, exclamou:

— Não o encontro, Jacob! Não sei onde o meti! Já revolvi tudo, já fiz e desfiz não sei quantas vezes todos os embrulhos, já rebusquei dentro de todas as malas, já despejei todos os sacos e não consigo encontrá-lo! — deixou cair os braços, desanimada. Uma ruga de preocupação sulcava-lhe a fronte, outrora bela e lisa. Depois balbucionou, quase numa queixa:

— Mas eu tenho a certeza de que o trouxe! Não o deixei lá! Veio comigo, sim, lembro-me perfeitamente.

— Mas, se veio, onde está? — perguntou o marido, impaciente.

Ela fez um gesto largo, como se apontasse a imensidão do mundo:

— Para aí, escondido dentro de alguma coisa... Como posso eu ver tudo agora, de repente?

Uma criança agarrou-lhe a saia:

— Mãe...

— Que queres? Não vês que não tenho tempo para te dar atenção? Vai brincar com os teus irmãos. Deixa-me!

Tornou a curvar-se e começou a tirar roupa, de dentro duma mala. Entre a roupa havia loiça e objectos diversos: sapatos de criança, livros, caixas. Nada estava acomodado. Via-se nitidamente que tudo ali fora metido de roldão.

Voltou a erguer-se e estendeu ao marido um rolinho de papel:

— Vês? As torcidas estão aqui...

— Pois é, mas para que servem se não aparece o candeeiro? Por que o não arrumaste de maneira que soubesses dele?

— Ó meu Deus! Como queres tu que, no meio desta confusão, eu saiba de todas as coisas que são precisas? Já encontrei os pratos, o fogareiro, os fósforos, o azeite...

A criança tornou a puxar-lhe a saia:

— Mãe, quero pão...

— Ó filho, deixa-me! É quase noite...

Preciso do candeeiro...

— Está ali! — gritou uma vizinha alegremente.

— Não é aquele! o que eu procuro é o candeeiro de Hanukáh.

— A mãe trouxe-o. Eu vi embrulhá-lo...

— E reparaste onde o meti?

O menino olhou para os volumes, esforçando-se por se lembrar.

— Não viste onde foi?

— Parece-me que foi naquele cesto...

Raquel, já cansada, ajoelhou-se no chão. Abriu o cesto e tirou tudo para fora:

— Não está cá. Vê se te lembras, Abraão!

A criança voltou a fitar os embrulhos:

— Talvez fosse naquela mala...

A mãe abriu a mala mas tornou a fechá-la:

— Não foi, não. Eu já procurei aqui.

— Então, não sei.

—Mas hoje é a festa de Hanukáh e temos de acender o candeeiro! Nem um mendigo pode deixar de acendê-lo! É preciso encontrá-lo! — exclamou o marido, quase zangado — Que mulher és tu, que não sabes de nada?

Raquel curvou a cabeça, onde os cabelos brancos começavam já a multiplicar-se. O seu rosto magro e precocemente envelhecido, em nada se poderia comparar com o daquela outra Raquel por quem, séculos antes, Jacob tão apaixonadamente servira.

— Logo é que chegámos... Se tivéssemos festejado primeiro a Hanukáh... — murmurou baixinho.

Ele encolheu os ombros, num gesto brusco:

— Bem sabes que não era possível. — viu o «ghetto» de onde haviam fugido — Ou hoje ou nunca! Nem sempre se encontra quem nos queira ajudar...

A mulher recomeçou a desfazer embrulhos. Sobre os seus ombros curvados, pesava naquele momento toda a miséria passada, toda a angústia sofrida... Talvez agora, naquela nova terra, a sua vida se modificasse e fossem felizes... Diziam que aquele povo era melhor, mais tolerante... Talvez se acabassem as humilhações e as injustiças... Joshua afirmara-lhes que valia a pena tentar e oferecera-se para os conduzir. Arranjara-lhes casa e prometera, também, um emprego melhor para o marido... As crianças poderiam ir à escola, com as outras... Deixariam de viver isolados, emparedados no «ghetto», como até ali...

As suas mãos continuavam a revolver coisas, os braços cansados doíam e pediam repouso, mas o espírito inquieto e iluminado por uma leve esperança, pairava longe.

Recordou-se dos outros anos, das outras festas de Hanukáh. Apesar da miséria em que viviam, sempre tinham acendido o candeeiro, depois do sol posto, e sempre a alegria enchera as suas almas ao comemorar as vitórias dos Macabeus, a libertação de Israel e a restauração do Templo.

As luzes festivas de Hanukáh todos os anos avivam a esperança, a fé inabalável do povo hebreu no seu regresso

à patria distante, que jazia subjugada por estrangeiros como outrora, no tempo dos Macabeus, sob o poder de Antíoco Epifânio.

Quando pensava no martírio de Hannah e de seus sete filhos, há tantos séculos, Raquel recordava também os «pogroms», as perseguições a que já assistira. Lembrava-se dos pais, sacrificados em defesa da sua fé; lembrava-se das coisas horríveis que tinha visto e, momentâneamente entristecia. Olhava, porém, para o candeeiro iluminado. Não tornariam a aparecer novos Macabeus capazes de lutar pela libertação do seu povo? Sim! Embora mais doloroso e mais prolongado, o cativo que os oprimia não seria eterno. Algum dia a história de Hanukáh se repetiria!

E as luzes acendiam-se em todas as casas, comemorando o milagre e a vitória do passado, com os olhos postos no futuro e no destino do povo escolhido.

Todavia, naquele ano, as luzes não se acenderiam... Raquel sentia o coração confrangido, como se toda a sua alma estivesse de luto, Como era possível que o candeeiro de Hanukáh tivesse desaparecido? Onde estaria? Iria nalgum embrulho, perdido pelo caminho?

Mudos, tristes, os filhos e o marido esperavam. Raquel pegou no mais pequenino que, novamente, se lhe agarrara à saia. Beijou-o, com os olhos enevoados de lágrimas:

— Espera, meu filho, espera... — mas a criança, escondendo a cabeça no seu colo, murmurou;

— Tenho fome...

Desesperada, a mãe foi buscar pão e reparou em todos os olhos ávidos que a seguiam:

— Não posso! Não posso procurar mais o candeeiro!

Do outro canto da casa surgiu então David, o filho mais velho:

— Mãe, eu tenho aqui um...

— Deixa ver!

David aproximou-se e entregou-lhe um candeeiro de folha, ferrugento e velho.

— Não é esse! — exclamou a mãe, desolada — Era o novo, de metal, que eu queria!

GRANDEZAS E MISÉRIAS DE ISRAEL

por HANID ESTELA

(Continuação do n.º 155)

Nem as crianças escaparam ao ódio vil dos homens. Só num mês, a cidade de Frankfurt viu morrer duzentas e cinquenta crianças, porque foi proibido o fornecimento de leite às mães judias!

Todavia, quando um povo tem a consciência do motivo por que ainda existe no mundo, «quando uma raça tem e é portadora de missão tão alta e poderosa, os ataques por mais violentos que eles pareçam são insignificantes, não atingem, não podem atingir o seu fim, esbarram todos de encontro à certeza talmúdica, mais forte que o tempo, mais resistente do que a vida».

Encontramos ainda, nestas obras, interessantíssimos estudos sobre a vida inglesa, sobre Londres, Anthony Eden, Winston Churchill e sobre a França, a França da resistência, a «França eterna».

«A França está sempre no fundo da minha consciência ou do meu coração. Os meus olhos portugueses quando não fixam Portugal sonham com Paris»... «Amo a França e o meu coração de latino está «quelque part en France» ao lado dos bravos soldados franceses em

guerra contra o nazi-comunismo de Hitler e Estaline».

«Inglaterra 40» dá-nos outra série de estudos sobre a Grã-Bretanha e a França, durante a Guerra, e termina com algumas apreciações à «poesia trágica de Morris Rosenfeld».

Através desta biografia, admiravelmente traçada, tomamos conhecimento com o poeta judeu, nascido na Polónia russa, que bem cedo se viu forçado a deixar a sua pátria, em 1882, fugindo aos «pogromos», às perseguições dos seus compatriotas não judeus.

Errando de país para país, sentindo duramente a tragédia da emigração, conhece todos os ofícios e todas as misérias: «na Alemanha austera de Bismarck, experimenta o ofício de tipógrafo; na Holanda, vizinho dos judeus portugueses, o de lapidador de pedras preciosas; na América todos os ofícios que lhe podem fornecer o pão de cada dia. Espera-o a miséria em todos os pontos da terra».

Desiludido, acaba por voltar à Europa. «Londres ensina-lhe um novo ofício: o de cortador de fatos para os seus

O pequeno mirou o candeeiro. A mãe deitara-o fora, quando comprara o outro, e ele, guardara-o, junto com os seus brinquedos. Limpou-o, carinhosamente. Raspou a ferrugem, endireitou os bicos amolgados e untou-o com óleo.

— Mãe, ele não está tão velho como julgas. Tapei o buraco que entornava o azeite...

O pai examinou-o:

— É verdade, Raquel. O candeeiro está arranjado e pode servir perfeitamente. Não procures mais o outro!

Passou a mão, como por acaso, sobre a cabeça de David. Depois, preparou as torcidas, deitou o azeite e acendeu

a primeira luz, dizendo as habituais bençãos.

Todos se tinham agrupado em volta do candeeirinho. David estava vermelho e, pela primeira vez, longe dos irmãos que batiam palmas, dançavam e cantavam com irreprimível alegria.

E quando a chamazinha trémula brilhou firmemente, a mãe sorriu-lhe e contemplou comovida o velho candeeiro abandonado que voltava a erguer nos seus braços a Esperança, a Esperança eterna de Hanukáh!

18-12-1957

HANID ESTELA

correligionários pobres. Rosenfeld cose fatos e passa fome, a fome de Londres, a mais negra de todas».

Todavia, apesar de se ter tornado no verdadeiro tipo de judeu errante, o seu talento não sucumbe. Pela análise profunda e humana que o Dr. Augusto d'Esaguy consegue fazer à alma do poeta, sentimos como devem ser realmente maravilhosas as suas poesias, ora revoltadas, ora saudosas, tristes, desesperadas, reflectindo a sua dor, a dor eterna, o fatal destino do povo judeu «portador duma mensagem que os outros não compreendem, aos tombos de país para país, saudoso da pequena aldeia que o viu nascer» naquela Polónia que era a sua pátria-mãe, mas que como filho o não considerava.

A compreensão, a terna piedade que ressalta desta biografia, comunica-se-nos. Pobre poeta do «ghetto» polaco!

As suas poesias ficarão para todo o sempre, juntas a muitas outras, como documentos vivos do drama judaico.

Em 1942, o Dr. Augusto d'Esaguy, em «Panorama de Israel na Europa», mostra-nos, com a sua prosa precisa e profundamente humana, novas imagens do que foi essa hecatombe fantástica em que perderam a vida seis milhões de judeus. E nestas páginas, de amarga revolta, o seu autor viu-se obrigado a dizer mal da França que tanto amava, da França eterna que, ao lado de Portugal, trazia sempre na sua alma.

«A França, contaminada pela traição e pela anarquia, vendida à propaganda alemã, como o provou Henri de Kerillis, perdeu a guerra contra os alemães e, dirigida pelo senil Petain, ganhou a guerra contra os judeus e os judeus refugiados.

«Dói-me escrever sobre a França. Não é justo bater nos vencidos quando os vencidos não segredam ao vencedor, a troco de gorjetas e favores pessoais, os nomes das suas próprias vítimas. Nenhum outro povo desceu a escada da amargura com tão pouca dignidade e aprumo moral».

«Ainda os alemães, entretidos a pilhar a França e a remover para a Alemanha tudo quanto viam e alcançavam, não tinham planeado o incêndio das Sina-

gogas, Vichy, macabra capital da França livre, dinamitava apressadamente as suas. Incendiava as Sinagogas e mandava assassinar Dormoy; incendiava as Sinagogas e entregava à Gestapo os principais refugiados alemães, sabendo que a morte os espreitava. Petain? Laval? Darlan? Quem são os responsáveis de mais este crime? Napoleão criou a Legião de Honra. Petain a Legião da Desonra».

Palavras amargas, de verdade cruel, proferidas num momento de profunda dor.

A guerra passou. A França atraçoada e vendida voltou a ser livre e, na actual questão de Gaza, tem estado agora ao lado de Israel. Cremos, também, que voltou novamente a estar, ao lado de Portugal, no coração do Dr. Augusto d'Esaguy...

«Nasceu um Estado: Israel» é o último desta série de livros que acabamos de ler, sobre os trágicos problemas do povo judeu. Publicado em 1950, nele encontramos, maravilhosamente descrita, a história da criação do pequeno Estado, que hoje enfileira galhardamente ao lado das Democracias.

Perpassam nesta obra, não só a satisfação da vitória, a emocionada alegria pela realização do sonho, do anseio milenário de um povo, mas também as amargas recordações das vicissitudes, das angústias, das incertezas, desde a publicação de «O Estado Judaico» de Herzl e do primeiro congresso sionista, realizado na Suíça em 1897, até à conquista final da Independência.

Estamos ainda sob a influência da leitura destes livros admiráveis, que nos contam a luta, a dor e o esforço gigantesco do povo hebreu na reconquista da sua Pátria, na reconquista e transformação do próprio solo, árido e abandonado, e para fechar este artigo tornamos nossas as palavras do seu ilustre autor:

«O martírio e o sofrimento dos Judeus venceram o deserto bíblico. Desfez-se para sempre o negrume milenário da noite do deserto. A terra respondeu! A alma do homem confundiu-se com a seiva, desceu ao húmus. O sonho de Theodor Herzl tornou-se realidade!»

António José da Silva (o Judeu)

António José da Silva, filho do advogado João Mendes da Silva e de Lourença Coutinho, nasceu em 1705, no Brasil, então colónia portuguesa.

Formou-se em direito, em 1726, na Universidade de Coimbra. Desde muito novo, porém, revelou grande vocação literária e a sua primeira peça teatral «História do Grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança» foi representada no teatro do Bairro Alto, em 1733, com extraordinário êxito.

Seguiram-se «Esopaida» e «Encantos de Medeia» que em 1735 obtiveram, igualmente, grande sucesso.

Em 1736 representaram-se mais duas peças suas: «Anfitrião» e «Labirinto de Creta», com idêntico triunfo.

No carnaval de 1737 apareceu uma nova peça ou ópera joco-séria, intitulada «Guerras do Alecrim e Mangerona» que, como as anteriores, foi delirantemente aplaudida.

Escreveu ainda «Variedades de Proteu» e «Precipício de Faetonte».

As suas peças eram tão engraçadas que toda a gente corria ao Bairro Alto, para não perder as «óperas do judeu», como então lhes chamavam.

E tão viva e imorredeira era essa graça que duzentos e vinte anos depois, torna a ressurgir das cinzas do passado com o reaparecimento de «Guerras do Alecrim e Mangerona», no Trindade, pelo Teatro Experimental do Porto.

O público de Lisboa encheu o teatro, riu-se e aplaudiu novamente a obra de António José da Silva, «primo carnal de Goldoni e de Molière, tão bom como Sheridan ou como Marivaux», no dizer de António Pedro, o artista que criou o Teatro Experimental do Porto e que tirou agora do esquecimento esta engraçadíssima peça, prestando assim justa homenagem ao seu autor.

Só foi pena que um doloroso pensamento não nos tivesse deixado gozar, plenamente, a beleza e a alegria do espectáculo.

Enquanto o público aplaudia com

entusiasmo e se ria com verdadeiro prazer, enlutava-nos a alma a lembrança triste de que António José da Silva foi queimado na fogueira do Santo Ofício, no dia 18 de Agosto de 1739, apenas com trinta e quatro anos de idade!

Custa-nos a acreditar que, naqueles tenebrosos tempos em que existiu a Inquisição em Portugal, os homens fossem capazes de cometer tão monstruoso crime. A nossa consciência revolta-se, o nosso coração confrange-se só de pensar que aquele mesmo povo, que enchia o teatro e para quem António José escrevia, assistiu impassível à sua horrorosa morte, sem um protesto, sem um grito de indignação e de dor!

Todas as atrocidades, praticadas pelo Santo Ofício, nos causam pavor, mas mais ainda quando a pessoa atingida era um talento como o malogrado autor de «Guerras do Alecrim e Mangerona». A sua morte não foi somente uma perda irremediável para a sua família e para os seus amigos: foi também um rude golpe para o teatro português.

Com o desaparecimento de António José da Silva, a Pátria ficou roubada no seu património artístico. Portugal não pode guardar todos os tesouros que aquela inteligência brilhante lhe teria oferecido, se os algozes lhe tivessem dado tempo de acabar a sua obra.

Se, tendo sido morto tão jovem, nos deixou ainda as peças a que acima nos referimos, quanto não teria ele enriquecido o nosso teatro se tivesse vivido a sua vida até ao fim?

E surge-nos outra interrogação, igualmente dolorosa: de que crime foi acusado este homem cheio de talento? A sua origem judaica.

De nada lhe valeu ser baptizado e filho de baptizados. A Inquisição também não poupava os cristãos-novos e bastava esse facto para que o Santo Ofício o vigiasse constantemente, procurando descobrir, na sua obra e nas suas sátiras, intenções que ele não teve e interpretando as suas palavras como

A MULHER JUDIA

Pelo hábito de convívio em países Arabes, a mulher judia relegou-se a um plano de inferioridade que não lhe cabe.

Vejam os exemplos da nossa história:

Quando Sara pede a Abraão, que mande a escrava embora, e ele fica indeciso, Deus lhe diz: «Não te seja isso duro por causa do moço e por causa de tua escrava, em tudo o que Sara te diz ouve a sua voz.»

Rebeca intercedeu para que a bênção do primogénito fosse dada a Jacó, porque sabia que era o filho mais indicado para seguir a tradição. Apesar de Isaque ficar supreso mais tarde, não se revoltou, porque estava ciente que Jacó continuaria a tradição.

Ziporá a esposa de Moisés, circundou seus filhos, para que a maldição do Senhor não caísse sobre eles.

Miriam a irmã de Moisés era considerada profetisa e tomava parte activa na orientação do povo.

Deborá, a juíza, quando mandou chamar Barak para atacar os exércitos inimigos que não os deixavam permanecer em Canaã, Barak disse-lhe: «Se vieres comigo irei mas se não vieres comigo não irei». Respondeu Deborá: «Certamente irei contigo». Ordenou-lhe o momento de fazer o ataque por inspiração divina e ganharam a batalha.

melhor lhe convinha, no criminoso propósito de o lançar à fogueira.

Muito contribuiu também para a sua morte, a inveja de outros escritores, menos talentosos, que se sentiam incomodados com os seus êxitos e se julgavam atingidos pelas suas críticas.

Todos estes factos crueis nos arrepiam e nos fazem duvidar da consciência, da bondade e da justiça dos Homens. Porque a verdade é que o povo gostava de assistir aos autos-de-fé. O povo gozava e sentia o prazer terrível de ver queimar todos aqueles que eram acusados de heresia.

Quantos infelizes não foram reduzidos a cinzas, entre os sorrisos e os

Em muitas outras passagens da Bíblia encontram-se mulheres tomando parte activa quer na vida familiar quer na vida política.

Nos provérbios de Salomão encontramos «Ouve filho meu, não abandones o ensino de tua mãe». Por isso nossa lei considera judeu todo o filho de mãe judia.

Quando recebemos os dez mandamentos concita-se o povo todo a comparecer ao pé do Monte de Sinai. Excluindo as peregrinações a Jerusalém, não há passagem bíblica que dispense a mulher dos deveres religiosos colectivos.

O nosso saudoso Rabino Isaias Rafalovich, que veio de Inglaterra extranhava imensamente porque nossas mulheres não comparecem aos serviços religiosos. À mulher se impõe criar o ambiente religioso na família. A religião quando bem orientada dá o equilíbrio moral da paz de espírito que tanto necessitamos. Aos Sábados pela manhã nenhuma mulher trabalha em casa, porque não trazer seus filhos à Sinagoga, esquecendo um pouco a rotina diária tão enervante e elevando seu espírito a Deus para maior aperfeiçoamento de sua alma. Não tendo livros de orações, a Bíblia é uma fonte inesgotável de ensinamentos.

apupos duma multidão de selvagens? E quantos talentos preciosos não se perderam para sempre nas fogueiras do Santo Ofício?

«Isto é grave, porque é atroz», afirmou Alexandre Herculano. Isto é profundamente triste e analisando os horríveis crimes cometidos pela Inquisição, ficamos com a amarga certeza de que essa monstruosa injustiça só serviu para roubar valores à Pátria, para nos envergonhar e para empanar o brilho glorioso da nossa História.

17-2-1957

HANID ESTELA

(publicado no jornal «Independência d'Águeda» de 9-3-1957)

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTÓNIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 155)

Edição da Litúrgica Judaica — Às edições dos Livros Sagrados, e Comentários dos Rabinos acrescentemos aqui a da obra Litúrgica de Rabbi David filho de José Avudraham intitulada *Leter tesilod*, isto é, *Ordem das preces de todo o ano*. Imprimiu-se em Lisboa no ano de 1495 em fol. em duas colunas e com carácter Rabbinico Espanhol, o qual contém uma muito perfeita exposição das preces Judaicas, que o autor havia composto em Sevilha. Consta de 170 folhas, e é uma edição elegantíssima. (Desta edição de 1495 não tem falado os Judeus, os quais dão por primeira edição a de 1514. Mas Rossi a viu, e dela fala na *Origem da Biblioteca Hebraica* cap. VI pág. 56. E de passagem notamos que foi feita esta edição no mesmo ano, em que saiu à luz em Lisboa a raríssima obra Portuguesa da Vida de Cristo, traduzida do Latim de Ludolfo de Saxónia em Linguagem por Fr. Bernardo de Alcobça, que foi continuado por Nicolau Vieira, impressa em 4 tomos de fol. de excelente carácter por mandato do Senhor Rei D. João II, e da Rainha D. Leonor, que é uma das mais antigas obras que temos em nossa língua impressas em Portugal afora as Hebraicas, como já dissemos, de que há quatro exemplares em Portugal de que temos notícia, um na Biblioteca de Alcobça, que também tem um Código Ml. outro na Biblioteca do Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo de Beja, outro na Biblioteca dos P.P. da Divina Providência de Lisboa e outro na dos P.P. Franciscanos da observância da Província de Portugal.

Estimação geral destas edições — Estas edições antiquíssimas, que foram as primeiras produções de nossa Typografia Hebraica, tem a mesma estimação, que se costuma dar a todos os Livros Hebraicos daquele Século: porque sendo de muito apreço todos os Livros, que se imprimiram no princípio da invenção da Typografia muito mais o são os Hebraicos e deste género; e por muitas razões.

Particularmente pela sua raridade — I. São mais raros, que os outros, pois que poucos exemplares se imprimiram, por haver mui poucas Typografias Hebraicas naqueles primeiros tempos; e esses poucos os tomaram a si os Judeus, maiormente por ser então muito excessivo o preço dos Mss. e os usaram, e consumiram de maneira, que hoje apenas aparece um ou outro, este pelo comum gastado e mutilado; donde vem que são raros ainda nas melhores Bibliotecas dos Príncipes, confessando todos os Bibliógrafos, principalmene Mattaire, que muito estudo faz em ilustrar os Anais Typográficos, haver visto muito poucos.

Pela vantagem que tem sobre todos os daquele Século — II. Estas edições são as melhores daqueles tempos; pois que tem óptimo papel, margem muito larga, caracteres pelo comum elegantíssimos, tinta lusidíssima, e pergaminhos mui brancos, e claros, de maneira, que sobreexcedem muito na elegância, e magnificência a tudo quanto se imprimiu depois.

(Continua)